



((DIOGO-CAÃO))



REVISTA ILUSTRADA  
— DE —  
ASSÚNTOS HISTÓRICOS ANGOLANOS

(COM TÔDAS AS LICENÇAS NECESSÁRIAS)

— COLABORADORES — SELECCIONADOS —

(Fac-simile da assinatura do Restaurador de Angola)

— SUMÁRIO —

A deslealdade dos Holandeses. — O ataque ao arraial português da Barra-do-Bengo, em 17 de Maio de 1643. — Questão ingrata entre o governador Továr e o bispo Póvoas. — Fundação do Presídio de Nossa Senhora do Rosário de Cambambe. — Os frades franciscanos do Convento de S. José de Luanda — Genealogia de Salvador Correia, o Restaurador de Angola

TIRAGEM: 1.000 EXEMPLARES

— LISBOA — 1935 —

# «DIOGO-CAÃO»

= CAIXA POSTAL 362 =

— LISBOA —

DIRECTOR, REDACTOR, ADMINISTRADOR, EDITOR e PROPRIETÁRIO

## PADRE MANUEL RUELA POMBO

Missionário aposentado de Angola e habilitado com o Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista

---

---

Vende-se em LUANDA, nas livrarias :

MINERVA, na Travessa da Sé — Caixa postal 42.

LUSITANA, na Avenida de Salvador Correia — Caixa postal 291.

Preço do número avulso ..... 5,00

Pelo correio e registado..... 6,00

Em LISBOA na :

Tabacaria Neves, Rossio, 42.

Número avulso..... 3\$50

---

---

Vendem-se algumas colecções da I e II séries :

Cada uma das séries em brochura 55\$00 ou 70,00  
cartonada... 60\$00 ou 80,00

---

As assinaturas são pagas adeantadamente

Cada série de 10 números ..... 30\$00 ou 50,00

(Recebemos Angolares)



(Continuação da pág. 36)



### 35. — A caminho do presídio de Maçangano



**D**OLOROSAMENTE, CONTINUA PEDRO César de Meneses, com a sua gente, a retiráda estratégica para o sertão, a caminho do Presídio de Nossa Senhora da Vitória de Maçangano.

Os sítios, onde foram pernoitando, ainda hoje têm os mesmos nomes, a saber: Itombe, Quitindile, Quiaito, Zambe-a-Caita, Cassoalala, río Lucala...

Pelo Lucala, em batéis e canôas, desceram os doentes, creanças e senhoras: os soldados e gente válida seguiram a pé pela margem, por carreiros de gentíos.

### 36. — Em Maçangano

**T**ratou logo Pedro César de «*pôr tôdas as coisas em boa fôrma, formando o Senado da Câmara, mandando administrar justiça ao ouvidor-geral Francisco de Figueiroa, com todos os escrivães e gente dos Auditórios, como na cidade de Luanda se fazia, fazendo Provedor da Fazenda-Real o Feitor de El-Rei; dando ordem à Casa de Santa Misericórdia e Hospital, pãra os muitos doentes que havia, assim os que trazia do rigor do caminho como de*

*aquele clima não ser sadio, sendo êle o primeiro Provedor, pãra dar bom exemplo na assistência e cuidãdo de tantos enfermos; mandando ter cõta com os dizimos pãra dali se ir socorrendo a Infantaria de sustênto...*

### **37. — O terror no Presídio de Muxima**

Quando soube que Pedro César estava já em Maçangano, o capitão da fortaleza de Muxima, que se chamava João Pinhão, largou sem ordem o seu comãdo, pelo que lhe extranhou muito o seu procedimento o nosso Governador.

Pelo rio Quanza abaixo mandou Pedro César pôr vigias e vários pôstos armados pãra defesa e aviso, pois os Holandeses tinham em Calumbo uma pequena nau.

Esta nau foi tomada pela nossa gente e levada pãra Maçangano...

### **38. — A doença do Governador**

#### **Pedro César de Meneses**

Todos se admiravam da resistência que sempre apresentou o nosso Governador durante esia descómada e custosa viagem, mas afinal caíu doente e esteve mesmo às portas da morte, *«tendo feito nomeação em aquele tam zeloso e caritativo Prelado, pedindo-lhe pessoalmente que, por serviço de Deus e de sua Majestade, aceitasse aquele govêrno, em sua ausência, atendendo a tudo aquilo que fõsse conservação daqueles Reinos, como quem era tam leal Vasalo de El-Rei nosso Senhor dom João, o quarto»*.

Felizmente, o governador Pedro César de Meneses restabeleceu se por completo da sua doença de febres.

### **39. — A morte do Bispo Sovral**

Por sua vez, o zeloso e caritativo Prelado também adoeceu com doença muito maligna que em breves dias, como tinha muita velhice, não tendo fôrças para resistir a tamanho mal, deu a Alma ao seu Criador em os 5 do

mês de Novembro de 1642, ficando todos com o sentimento de lhes faltar um tam bom Prelado e Companheiro.

Conhecemos outros autores que não marcam êste dia à morte do Bispo Sovral, mas temos mais confiança em Cadornega, que, em pessoa, assistiu aos acontecimentos.

No número 4, que só tratará de documentos angolanos, existentes na Biblioteca de Évora, daremos mais notícias do Bispo Sovral.

#### 40 — As virtudes episcopais

○ bispo Sovral foi sepultado dentro da Igreja Matriz de Nossa Senhora de Vitória de Maçangano.

A sua morte foi chorada por todos; era um bom pastor, um bom amigo e um bom compadre: — «assistia a muitos, assim nos gôstos como nos pezâres; não havia matrimónio que êle não celebrasse, filhos que não baptizasse; com os pobres se mostrava mais benigno, como aquele que de coração os amava, visitando-os nas suas enfermidades, acudindo-lhes às necessidades com muita caridade, conforme suas rêndas lhe davam lugar; e, vendo o que padeciam os forasteiros e soldados pobres, tratou com muito trabalho e despesa a fábrica do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Luanda, assistindo em sua fundação pessoalmente todos os dias, dando com sua assistência exemplo a que assistissem muitos Moradores com suas pessoas e grossas esmolas até acabar de todo, fazendo-o em cruz com quatro Enfermarias para diversos males, em cada braço a sua, como se vê em esta Cidade, com Altar no meio onde se diz Missa aos Enfermos, tendo nele a Imagem de Nossa Senhora da Saúde, muito milagrosa, não sòmente para os Enfermos do Hospital, se não ainda de tôda a Cidade que todos se valem dela para suas enfermidades, a uns indo lhe a sua Coroa e a outros o seu Bento Manto e Contas, no qual Altar de todas as 4 enfermarias se ouve Missa, porque de tôdas elas se descobre; e, sendo seu caritativo Prelado Provedor, não havia dia que êle pessoalmente não visse dar comer àqueles pobres Enfermos, mandando-lho administrar por seus Pagens, consolando a todos em seus males e misérias; e, se algum desejava alguma cousa de consolação de doce, que na dispensa não havia, — lho mandava de sua

casa do que para si tinha, deixando-o de comer só pelo dar aos pobres de Deus, repartindo-lho com suas próprias mãos».

Nestes tempos passados, como agora nos tempos presentes, o mês de Maio é muito nocivo e trabalhoso na Cidade de Luanda, principalmente nos anos chuvosos que causam muitas doenças e enfermidades.

Hoje têm as culpas do mal — os Mosquitos; outrora — os culpados eram os *vapores* que causavam a pestilência.

O Bispo Sovral ia de casa em casa, na Praia, visitar os doentes e intimava as Mulheres de posses a que fossem ou mandassem as suas escravas a tratar dos pobres.

O Bispo recebia todos os padres no seu Palácio: — «A sua casa era pousada de Peregrinos, porque de todo o Estado do Brasil vinham Religiosos a ordenar-se; a todos agasalhava e dava pousada até que, ordenados de todo, se tornavam para as suas Províncias, sendo seu palácio episcopal um convento nos exercícios espirituais, como aquele que havia sido cônego regente de S. Vicente de Fóra da cidade de Lisboa».

Neste tempo, em todos os dias, os cônegos rezavam no Côro da Matriz as Horas Canónicas.

Para bem da sua Igreja e bons costumes fez um Sínodo, em que se assentaram muitas cousas do serviço de Deus e extirpações de vícios...

Cadornega, embora de passagem, conta muitas mais virtudes do Santo Prelado.

Depois da Restauração de 1648, seu Corpo foi trasladado para Luanda, não sem opposição do povo da vila de Machingano.

#### **41 — Os sobas revoltados**

Como era natural, contra o poder português começaram a revoltar se muitos Sobas, apoiados pelos holandeses, fazendo roubos e latrocínios em fazendas de gente portuguesa e de sobas nossos fieis vassalos.

Para conter os inimigos, Pedro César de Meneses mandou fazer contra êles várias correrias pelos afamados sertanejos Diogo Dias Mendes, António Bruto, Gaspar Borges Madureira e António Teixeira de Mendonça.

Para a fortaleza e presídio de Ambaca, 130 soldados adextrados foram mandados ao capitão-mór António de Abreu de Miranda: êste foi fazer guerra aos Dembos, applicando-lhes rigoroso e merecido castigo por muitos desaforos e vitupérios que vinham cometendo.

Os Dembos pedem auxílio aos Holandeses, que lho mandam, e os Portugueses são atacados fortemente.

A própria Rainha Ginga, Dona Ana de Sousa, mandou embaixadores à cidade de Luanda, a pedir aos Flamengos a sua amizade e oferecendo lhes os seus serviços.

#### 42 — Notícia das Tréguas

Como já dissemos, a notícia do tratado das tréguas por 10 anos, de 12 de Junho de 1641, chegou à cidade de Luanda, via Holanda, só a 4 de Outubro de 1642.

Estava o nosso Governador Pedro César de Meneses alojado em Casangongo, e ali chegaram alguns Flamengos, mandados pelo Director e Governador das armas de Luanda: foram dar a notícia da paz que el-rei D. João IV tinha ajustado, por seu embaixador Tristão de Mendonça, com os Estados de Holanda e Senhores das Províncias Unidas.

A alegria foi de pouca dura...

Pedro César encarrega o licenciado Guerreiro de tratar com os Holandeses de uma espécie de concordat: deram licença a Pedro César para que se estabelecesse com sua gente no sítio ou outeiro do Gango, junto da barra do Bengo, distante de Luanda umas 3 para 4 léguas.

Por sua vez, os Flamengos iam ao alojamento de Gango vender aos Portugueses as suas drogas, queijos, manteiga, açúcar e outras cousas para vestir, a troco de patacas, prata lavrada e alguns escravos: os Portugueses também entravam e saíam livremente em Luanda.

#### 43 — Riqueza portuguesa

Estava ou corria tudo «em bela paz e segurança, tanto assim que mandou o Governador vir de Cambambe, onde até então tinha quantidade de prata lavrada, a Patacaria, que importavam só as patacas trinta mil réis, a prata levrada

pouco menos, e um escritório com ricas jóias ; tudo valia uma grande fazenda.

O Vigário Geral, que então era, — por morte do padre Bento Ferrás, — Luís Hioanes Rolão, parecendo lhe também que tudo estava com boa segurança, mandou desenterrar a prata da Matriz da Cidade, que era muita, que até então tinha estado enterrada no Outeiro do Soba Icolo em um campo ou paragem que só dois Sacerdotes sabiam dela, por não ser público aos mais por se não divulgar.

Os Reverendos Padres da Companhia e os de S. José mandaram descer, para aquele alojamento do Gango, muitas cousas de seu Colégio e Convento, e os Moradores tudo o mais de bom que possuíam, que até então havia andado fugitivo e escondido.

Do nosso Governador — se disse : fôra seu intento, quando mandou descer a sua prata e jóias, tivera tenção de a embarcar de mar em fóra, de que tinha permissão do Flamengo de mandar um patacho que, ao depois, lhe não consentiram, e algumas pessoas disseram que seria o mais certo : que queria ver se com ela se podia fazer alguma negociação com o Flamengo, para lhe largarem a praça de Luanda, porquanto lhe dizia sua Majestade em uma Carta, que lhe escreveu, que visse se por conveniência se podia haver a Cidade, visto a ocupação das guerras, em que estava o Reino de Portugal com Castela, e que passasse letras da quantia em que se ajustasse, que logo se satisfariam, atendendo à possibilidade em que estava aquele Reino.

Com a lhaneza e amizade dita iam e vinham Flamengos ao sítio do Gango e Barra do Bengo, e viam a opulência de tanta prata e jóias de ouro, porque lhes era tudo patente e franco, entravam nas casas dos moradores com suas mercadorias ; e, com êste tanto ver e explorar, lhes foi entrando na cobiça a fazerem uma enorme traição e maldade que poucas vezes se tem visto . . . »

#### **44 — O ataque ao nosso arrabal feito pelos Holandeses**

Já fizemos às páginas 271 274 da nossa I série um relato dos sucessos do ano de 1643 e do ataque cobar-

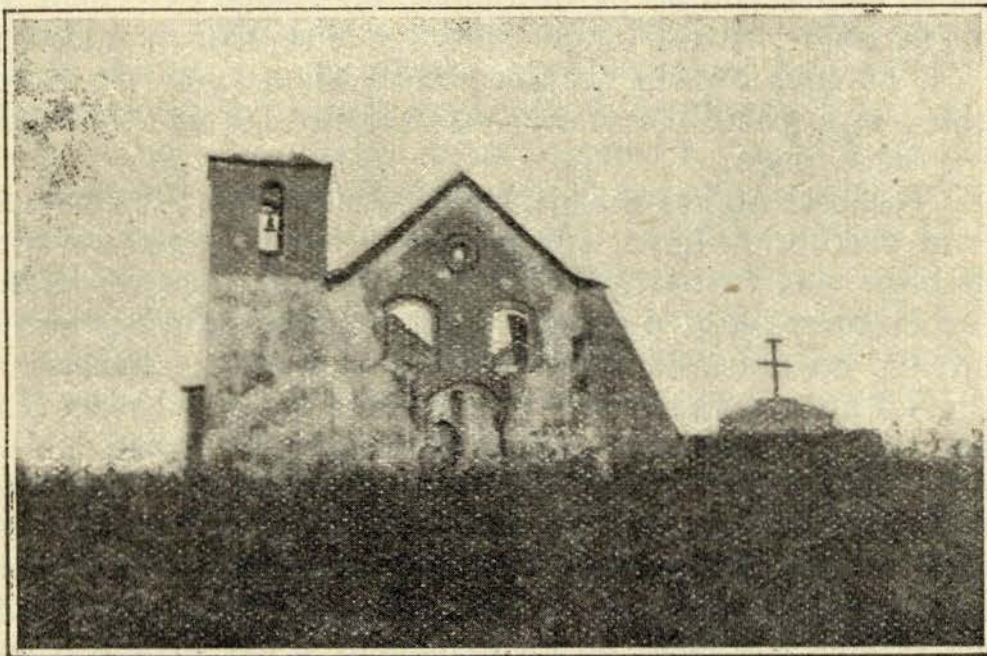


de que os Holandeses, na madrugada de 17 de Maio, fizeram ao nosso arraial do Gango, na Barra do Bengo.

Ali está a Relação que escreveram dois Religiosos da Companhia de Jesus

Por sua vez, Cadornega conta os factos do seguinte modo :

— Era então Director e Governador das Armas Flamengas Cornelio Neivelant, que já o não era o Anderson ; parece que o seu secretário governava mais que seu âmo, que assim



RUINAS DA IGREJA DE MEÇ

sucede muitas vezes a quem se entrega tanto, ou por falta de juízo ou de outra cousa ; êsse tal secretário, que era pouco ou nada Católico, informado dos Flamengos, que iam ao nosso arraial e alojamento do Gango, do muito que ali havia que êles vinham buscar de tam longe, se acumulou com alguns capitães de praça do seu humor e cristandade, com o seu sargento-mór chamado o Taca, que tinha as costas quentes em Holanda com um irmão em casa do Príncipe de Holanda ou de Orange, o qual lhe avisava, conforme o que diziam os seus, que tratasse de se aproveitar, que com tanto se havia de ficar.

Acumulados todos a irem ver a certeza do que a fama espargia, para o que fingiu o secretário ao Director uma ficção, que parece era de bom natural, causa por que o seu secretário se atrevia a tanto, e foi dizer que era necessário ir a castigar um soba da Ensaca que elle queria ir àquella junção com o Sargento-Mór e tais Capitães que assim o houvesse por bem ; e, como governava, como dissemos, tôdas as suas potências, lhe foi outorgada a jornada, saíndo da cidade de noite, com a gente mais escolhida ; e, antes de amanhecer, esteve embuscado ao pé do outeiro do Gango ; e, como depois se soube, levava intento que, sendo sentido, fingindo que ia dar no soba e pedir ao Governador ajuda para isso da sua gente ; mas, como lhe saíu como desejava, lhe não foi necessário náda disso.

Tocou-se no nosso alojamento à Alvorada ; saíram batedores a descobrir campo, por parte que foi a desgraça não os descobrir nas emboscadas em que estavam ; nas costas dos descobridores veio o inimigo traïdor marchando à pressa e, entrando no nosso alojamento a cavallo o Hereje Secretário, caudilho desta traição, com cutros que o acompanhavam também a cavallo com suas trombetas tocando a degolar, e a Infantaria com seus Capitães nas costas, as nossas sentinelas tocaram Arma estando já abarbadados com o podêr inimigo ; ao tocar da Arma saíu o nosso Sargento-mór Manuel de Medela, que era muito bom soldado e conquistador antigo brandindo uma cravina que disparou no Flamengo, e executando o tiro, metendo uma companhia de Cravineiros as cravinas à cara, deram uma carga com que mataram logo ao sargento-mór e aos mais que foram acudindo e saíndo ao estrondo, a todos foram matando, encaminhando-se para a casa do Governador e Corpo da Guarda, onde as Bandeiras mataram ao capitão Antonio Moncs e feriram a um que com valor defendeu o pôsto das Bandeiras, a que estava de sentinela, lhe deram alguns chuçaços e um em uma perna, que ainda no tempo em que escrevo, e por tempos lhe arrebenta a bota algumas lascas de osso da canela pelas feridas, casado, e morador em Maçangano e seu nome é João Rebelo, e tem occupado postos maiores na milícia.

Mataram também o Capitão-mór António Bruto, que de propósito o buscaram para isso ; ao capitão dos Moradores

João Pegado da Ponte, pessoa autorizada, cunhado do capitão-mór, por reparar em o não descomporem, que era um capitão vivo, querendo-lhe descalçar umas meias que calçadas tinha, lhe atiraram com uma cravina, que logo caiu morto; a Pedro de Gouveia Leite, cidadão e pessoa muito nobre — o feriram de morte, ainda que logo não morreu, foi morrer à cidade; ao capitão de cavalos e cabo de companhias António Teixeira de Mendonça, por reparar em lhe despirem o gibão por ter uns botões de prata, o matam se não acudira o Governador por ser junto da porta de sua casa, dizendo que tal traição se não havia feito nunca, onde havia militado; que, já que lhe matavam a sua gente e descompunham a seus oficiais maiores, que o matassem a êle logo e lhe atirassem com uma cravina; que não queria ver tam infame e fementida gente.

Um ajudante então meteu seu chuço para o soldado que derriçava pela manga do gibão e com isso o fez largar, e êste ajudante fez com que o Governador se recolhesse para casa e passou palavra: se não matasse mais gente. Um capitão nosso, chamado de alcunha o Majinhos, se havia caído da cortina para fóra com a sua companhia em ser, e, podendo retirar-se ao menos com ela, se veio a render àquele inimigo.

Com a ocupação do sáque, enquanto andavam ocupados nêle, se saiu alguma gente moradora, onde entrou um Rui Pegado, que, ainda que não era casado, havia sido conquistador antigo, que havia ocupado postos maiores como dito é; êste soldado experimentado com sua autoridade, que era já homem de idade, se foi retirando com alguma gente que a si foi agregando.

Tendo o flamengo esbulhado e saqueado o arraial e alojamento do Gango, barra do Bengo, o qual foi de muita importância e valor considerável, também se disse que, naquela perturbação um Creado honrado do Governador por nome Francisco Monos, que servia juntamente o pôsto de alferes de uma companhia paga, a quem naquela ocasião havia morto o inimigo ao cap. António Monos, seu irmão mais velho, de que atrás se fez menção, êste fiel e honrado creado advertidamente abriu uma gaveta do Escritório de seu Amo, em que tinha as cousas de mais valor, e tirara uma bolsa de moedas de ouro, que meteu na algibeira, no que não reparou aquele inimigo, por ter muito em que satisfazer sua cobiça ou la-

droíce, a qual dera em a Cidade ao Governador, que lhe não valeu menos do que a vida, pelo mau trato que lhe deram com o fim de lhe acabarem a vida, que, a não ser aquele socôrro que aquele bom creado lhe preveniu com semelhante acôrdo, — morrera à míngua em uma doença que teve, e não tivera com que passar em tamanha miséria e aflição com que o tiveram prisioneiro.»

#### **45 — Os prisioneiros a caminho de Luanda**

Feito o inimigo Holandês o emprêgo a que veio — continua a narração de Cadornega, — marchou para a cidade de Luanda com tôda a gente prisioneira, mandando em lanchas pelo mar os feridos e as cousas de mais volume que não pôde carregar por terra. Antes de partirem, chegou um flamengo por nome Daniel, que devia de ter alguma cousa de Católico e disse em segredo ao Gov. : aí te hão de oferecer um cavalo para montares, não no aceites porque determinam fazer no caminho uma briga fingida e darem-te com uma bala, porque não lhes está a cômto a traição que fizeram : terem-te ou levarem-se vivo, o que logo o Gov. experimentou a oferta do cavalo a que respondeu que, pois, seus Officiais Maiores, Vigário Geral, Sacerdotes, Religiosos e Cidadãos iam a pé, êle os queria acompanhar da mesma sorte ; que não parecia bem ir êle rindo, quando a sua gente ia chorando ; depois disto agradeceu o Gov. a êste Flamengo o aviso que lhe deu, indo êle à Maçangano, como se dirá adeante desta história, que também entre maus se acham alguns bons, e lhe serviu êste Flamengo também de lhe haver duas Cartas de El-Rei Nosso Senhor, uma — que teve sua, antes de sua aclamação, de recomendação, e a outra — em que lhe ordenava : se chegasse ao mar, e que visse, se por negociação, podia haver a Cidade de que já se fez atrás menção, as quais lhe haviam tomado com o mais.

#### **46. — Os prisioneiros portugueses mandados para Pernambuco**

Chegados que foram à Cidade, deram ao Gov. o seu mesmo Palácio por prisão, pondo-lhe mui boa guarda,

tendo-o com apêto, deixando-lhe só um Págem, que se chamava Francisco Faia, para o servir; os demais prisioneiros meteram na Cadeia e Casa da Câmara com bastantes vigias e ali os tiveram alguns dias, dando-lhes muito mau trato, pouco que comer e muito que trabalhar, levando-os todos os dias ao trabalho do fôrte do môro de S. Paulo que estavam fortificando, e à noite à prisão, dando-lhes um pequeno bebereite, e êsse bem ruím, até que lhes deram um navio velho, mais para se subverter e naufragar do que pãra navegar no mar largo, com pouca água e sem tudo; (e foi isto tudo tanto assim que indo no mar tiveram uma descompostura 2 dos prisioneiros sobre uma pouca de farinha ou de água, e abraçados ambos se botaram ao mar, onde ficaram para sempre: um dêles — se chamava Pascoal Farinha, homem que havia vindo a êste Reino com grosso negócio, e outro — era o seu nome Jorge Dias Mesa, sobrinho do contratador Rui Dias Mesa, que o havia sido dêste Reino;) a que acudiu a Providência Divina, levando-os a salvamento, se bem famintos de tudo, a Pernambuco, indo sem parar dando à bomba pela muita água que fazia o navio.

Dizem, como a experiência no lo mostra, que o gato nunca pode fazer boa companhia com o cachorro, menos e muito menos o podem fazer Católicos Romanos com Luternos e Calvinistas e outras semelhantes seitas; assim que não ha que estranhar o modo com que se houveram com os nossos prisioneiros.

#### **47. — A prisão do Governador**

##### **Pedro Cesar. em Luanda**

Disseram que o director Cornélio Neivelant ou Ansmol tomara isto muito a mal, de qualidade que lhe causara a morte, por quanto havia ficado com o Governador em umas vistas que tiveram em a Barra-do-Bengo, junto do nosso alojamento do Gango: que, vindo de Holanda alguma ordem em contrário ao assêto do capitulado, que êle o avisaria; para se crer isto, houvera de fazer alguma demonstração de castigo com o sargento-mór, secretário e capitães; uma vez que o não houve, é certo que todos participaram e os Comissários

da Bolsa muito mais, que não haviam ainda molhado a bôca em cousa que fôsse tam limpa, como tinha sido o esbulho do nosso alojamento.

Também se disse que irritados das nóvas que tiveram de algumas moléstias que as nossas Armas lhes haviam dado no Maranhão, se quiseram cá em Angola desquitar; enfim — todo viene a pagadero — como diz o espanhol.

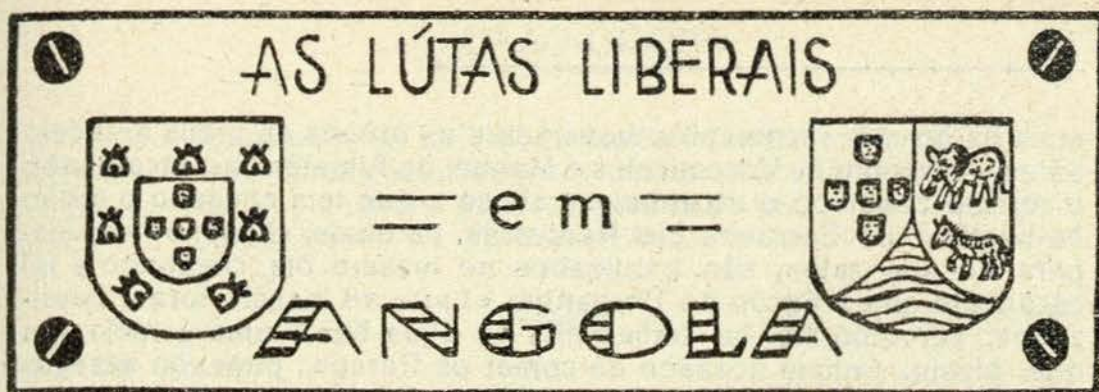
#### 48. — Os Portugueses sem chefe

Chegou pelos escapados da Rota do alojamento do Gango e Barra do Bengo o aviso aos Moradores que estavam esparcidos ou divididos por suas fazendas e arimos com suas casas e familias e outras mulheres principais, que lhes haviam morto e aprisionado seus maridos, tendo para si: não seriam mais molestados e desinquiets daquele socêgo.

Considere o Pio Leitor que tal ficaria esta gente com tal sucesso não esperado, que lástimas e choros haveria naquelas mulheres a quem faltavam seus maridos, que se consideravam todos em peor estado do que quando se retiraram da cidade e primeiros arraiais do Bengo, pois então tinham um governador por seu caudilho, tam homem e tam soldado de quem fiavam toda a sua conservação e defesa, com um Prelado de tanta virtude e exemplo, que servia a todos de consolação, faltos de cabos, soldados e gente de guerra, pois a mais de que havia, a tinham morto e aprisionado; cada um dividido para sua parte, acompanhados de sua escravaria, que faltando lhes o que deviam a seus senhores, estavam em suas mãos postos para o que a fortuna desse de si, ou favorável ou adversa.

(Continúa).

---

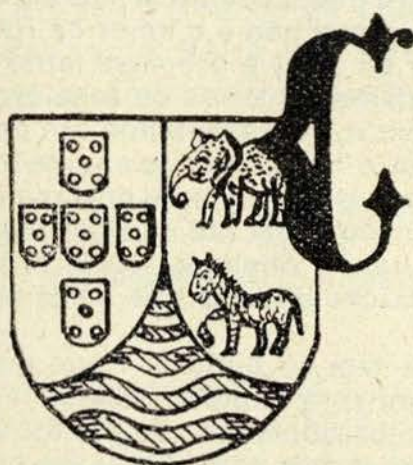


## Capítulo segundo

(Continuação da página 64)

### 17. — A defesa do governador

#### Albuquerque e Továr



CONFLITO INGRATO FOI ÊSTE entre o Bispo Póvoas e o Governador Albuquerque e Továr : para não sermos parcial ou incompleto, aqui vamos também publicar o officio 148, de 9 de Fevereiro de 1821.

O Governador queixa-se, pãra o Ríó de Janeiro, ao Conde-dos-Arcos, contra o Prelado Diocesano, assim :

— «A falta de saúde e tempo me impossibilita de levar nesta ocasião à presença de V. Ex.<sup>a</sup> os Offícios mais insultantes e mais atacantes que um Bispo jãmais escreveu à pessoa alguma, muito mais para um Governador e Capitão General ; e, pela fragata *Venus* que todos os dias se espera neste Pôrto, terei a honra de os levar à presença de V. Ex.<sup>a</sup>, como também as minhas respostas aos seus officios e os documentos precisos ; tendo a honra de levar nesta ocasião à presença de V. Ex.<sup>a</sup> o motivo de tantos insultos, que é o BANDO que mandei publicar em 3 de Junho do ano passado, o qual tenho a honra de levar ao conhecimento de V. E.<sup>a</sup>, no qual náda

mais fiz do que recomendar novamente as ordens de meus antecessores — António de Vasconcelos e Manuel de Almeida ; acrescentando o ter-me constado o escandaloso abuso a que tem chegado o modo de baptizar os Escravos das Remessas, os quais, chegando na véspera de sua saída, são baptizados no mesmo dia, chegando a tal escândalo que a bordo do Bergantim «*Luis*» ali mesmo foram baptizados, servindo-lhe de caldeirinha de água-benta uma gamela, em que, dizem, tinham acabado de comer os Porcos ; podendo assegurar à V. Ex.<sup>a</sup> que, tendo-se aumentado o Comércio da Escravatura, diàriamente se praticam a êste respeito os maiores escândalos em ludíbrico da nossa Santa Religião ; sendo o fim das quêixas do Bispo a falta de receber os 150 réis de cada Preto, que se embarca sem ser baptizado ; pois estou certo que, se êste recebesse esta quantia sem os Pretos se baptizarem, nunca em tal falaria, e a prova evidente é que, tendo mandado publicar o dito Bando em Junho só em 24 do mês de Janeiro me começou a representar sôbre êste objecto ; mas o motivo foi o mandar o Ouvidor fiscalizar sôbre êste objecto, por a Lei assim o determinar, em virtude do que lhe começaram a faltar alguns 150 por cada baptismo de preto ; e é tam evidente esta minha asserção que teve uma tarde a animosidade de representar ao meu antecessor no Passeio da Isabel, que naquele mês só lhe tinha rendido o baptismo, cento e tantos mil réis, pela grande porção de Escravatura que se embarca por contrabando que faziam os Espanhóis, próximo dêste pôrto, tendo alcançado antecedentemente ordem do meu antecessor para nenhum Negro poder embarcar sem apresentar bilhete de baptismo, donde se prova que não é o amor da Religião, mas o amor das micutas (dinheiro do país) e prova-se tanto a sua ambição que, vendo que eu não satisfaria a todos os seus empenhos, não voltou mais à minha Residência, representando-me depois sobre as Ordinárias, e julgo só com o fim de ver se aquele dinheiro lhe ia às mãos para o distribuir ; depois principiou a officiar-me e atacar-me indignamente por o Inspector do Trem lhe não dar tôda a água, lenha e carvão que êle queria (quando nenhuma devia ter) ; últimamente insulta-me por causa da falta das micutas que devia receber pelo baptismo dos Negros.

Prova-se mais o grande amor que tem ao dinheiro : que tem andado pelos Leilões públicas dos Ausentes a comprar trastes (dizem que para negócio), o que tem sido reparado e notado por todos os Habitantes desta Cidade, indo tôdas as tardes para a casa de um Negro, o qual, dizem, lhe dirige as suas transacções comerciais.

Eu bem quisera não dizer uma só palavra relativamente ao Bispo dêste Reino, mas não o pude conseguir ; e V. Ex.<sup>a</sup> me desculpará o eu ver-me nesta precisão, o que farei pelo Fragata *Venus* pois julgo ser preciso desmascarar um Hipócrita ambicioso.

Pela fragata *União* pois supliquei à V. Ex.<sup>a</sup> a grande mercê de levar à Presença de sua Majestade o meu deplorável estada de saúde, pois, Ex.<sup>mo</sup> Sr., sofrêr tôdas as semanas um crescimento e os insultos de um Bispo, que em mim produzem ainda maiores efeitos, junto à petulâncias do capitão-mór das ordenanças, que, tendo-se unido ao Bispo, teve até o atrevimento de vir à Sala dêste govêrno em ser-



viço de sua Majestade, de casaca e chapéu redondo, redicularizando assim as Ordens do mesmo Augusto Senhor, como V. Ex.<sup>a</sup> verá da Ordem do Dia que mandei publicar para êssé fim, — me farão se-cumbir em poucos meses. V. Ex.<sup>a</sup> determinará o que fôr servido » —

Com êste ofício está também uma Cópia do tal Bando de 3 de Junho.

O Bispo e Governador trocaram entre si alguns ofícios, pesados, os quais estão, em parte, no Arquivo Colonial da Junqueira.

No meio de um encontrámos um pedaço de papel com estas notas :

— «A sua Majestade não foi agradável receber por S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> acusações contra o Governador. — A S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> pertence vigiar que as esmolas sejam repartidas por seus vigários como fôr de justiça e caridade.» —

\*

Já recebemos três cartas a pedirem-nos a publicação do Bando do Governador, que foi o corpo de delicto ou princípio da desavença entre as duas Autoridades Angolanas : como é interessante, sairá em apêndice, para não interromper a seqüência dêste nosso modesto ensaio.

## 18 — Notícia em Luanda da Re- volução de Agosto de 1820

Em princípio do ano de 1821, já era conhecida em Luanda a Revolução do Pôrto e, durante a noite, havia quem conspirasse ou, pelo menos, se reunisse para falar dos acontecimentos.

Pâra o Conde-dos-Arcos, a 17 de Fevereiro de 1821, remeteu o governador Továr o seguinte ofício :

Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. : Continuando efectivamente a estar doente, depois que escrevi a V. Ex.<sup>a</sup> no meu último Officio, é do meu primeiro dêver participar à V. Ex.<sup>a</sup> que, fundeando neste pôrto a fragata *Venus* no dia de terça-feira, tem estado esta cidade em bastante comoção, não só pelas ideas que se tinham espalhado pelos navios que saíram posteriormente, como pela chegada dos Napolitanos e

maruja vinha de Lisboa e constar quanto ali se tem passado ; sei que tem havido alguns ajuntamentos de noite, aonde se fala sobre diferentes objectos, relativos aos acontecimentos da Europa, adeantando mais que as Capitánias da Baía, Pernambuco, Maranhão e Pará já terão seguido o mesmo partido ; e consta-me que, sabendo-se da revolução de Pernambuco, nesta cidade de Luanda começaram a haver conventículos e a quererem partir para ali.

O ouvidor deste Reino protege todos aqueles que são do ajuntamento e já anteriormente os protegia, julgo, por motivos particulares e secretos.

Eu vejo me doente e com 200 degredados Napolitanos e outros 200 que vieram na fragata *União*, além dos que têm vindo de Pernambuco, Baía e mesmo do Rio-de-Janeiro em diferentes navios, e tanto uns como os outros têm presenciado as grandes Revoluções da Europa.

Eu não tenho forças algumas que lhes possa opor, pois todos os Corpos são formados desta gente e dos antigos degredados.

Talvez o meu carácter e o respeito e mesmo a estima que muita da maior população desta Cidade me tem, seja o motivo de, por agora, se terem contido.

Ex.<sup>mo</sup> Sr. : Eu não temo a morte, pois as muitas doenças que tenho tido, me têm familiarizado a encarar com ela, nem me assustam as balas, mas, doente e só ¿ como poderei impedir o progresso do seu sistema, que vejo tam adeantado ?

V. Ex.<sup>a</sup> determinará o que fôr servido, suplicando novamente a graça de rogar por mim à sua Majestade e nomear-se Sucessor, pois o desgraçado estado de minha saúde não permite o viver por muito tempo neste clima, e no mesmo instante que tal aconteça (a não ser muito breve), tudo ficará uma anarquia, por não haver uma pessoa que possa dirigir qualquer negócio, pois mesmo o Bispo e Ouvidor os não julgo capazes de os dirigir, e não gozarem de melhor opinião.» —

Na verdade, o governador Albuquerque Továr adivinhava na sua frente a tempestade ameaçadora e . . . não se enganou.

### 19.— Os acontecimentos precipitam-se

Como era de esperar, os ânimos andavam curiosos e exaltados lá em Luanda, e, por sua vez, o governador Továr tinha contra si toda a gente de categoria, a menos os comerciantes ou *fubeiros*.

Na seguinte Carta ofício de 31 de Março de 1821, nota-se que o governador Továr já está desmoralizado ou perdido :

— «Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. : Em Ofício de 17 de Fevereiro passado,

tive a honra de participar à V. Ex.<sup>a</sup> (Conde-dos-Arcos) alguns factos acontecidos nesta Cidade, depois que saíu a fragata *Venus*; e, sendo do meu principal dever continuar a levar ao conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup> quanto tem acontecido, tenho a honra de participar à V. Ex.<sup>a</sup> que no dia 18 do corrente mês me foi participado ter fugido o Capitão-Mór das Ordenanças desta Cidade — Joaquim Aurélio de Oliveira, e julgo ter fugido no Bergantim que na véspera tinha saído para a Côte do Rio-de-Janeiro.

O dito Capitão-Mór, poucos dias antes, me tinha requerido alguns dias de convalescença para ir para o Presídio de Cambambe; e, passados alguns dias, me requereu carregadores e um soldado para o acompanhar ao seu destino. (*Documentos números 1 e 2*).

Em 21, fiz o Offício n.º 260 ao Juiz pela Lei, para mandar proceder conforme determinam as Leis de sua Majestade. (*Documento n.º 3 com o Offício que o gov. Továr remeteu ao Juiz pela lei — o capitão José Severino de Sousa.*)

No dia 26, à noite, foi entregue na sala do Govêrno a Denúncia (Doc. n.º 4), a qual, tendo conferido e examinado, tenho verificado ser verdade quanto se diz da prisão de Elias José Vieira e o mais expellido neste artigo.

Enquanto às Associações a que, dizem, o Bispo e o Ouvidor pertencem, náda posso saber, nem mesmo se aqui existiu alguma sociedade secreta, ainda que tenha as desconfianças de alguma existir pelas sociedades formadas de repente, e outros fenómenos.

É constante e público nesta Cidade o ter levado o dito Capitão-Mór bastante dinheiro e letras, bem como o serem sabedores desta fuga os seus Associados e ter levado Papéis do Bispo desta Cidade a entregar a um Padre Arrábido de Santo-António — Frei José Monsarrate, e igualmente do Ouvidor.

Pelos documentos, que tive a honra de levar à presença de V. Ex.<sup>a</sup>, se verifica o quererem mudar de Govêrno e seguirem talvez o de Lisboa.

É público ter havido muitos contrabandos feitos pelos Espanhóis, e nunca foi pessoa alguma culpada. É verdade ter saído o navio mais tarde do que é costume; e tudo o mais, que se diz a êste respeito, o não tenho podido ainda verificar.

O dito Capitão-Mór ficou de pagar alguns contos de réis à Real Fazenda (*Doc. n.º 5*) e muito complicado em bens e sômas pecuniárias, pertencentes a testamentarias, e grandes dívidas, não só nesta Praça de Luanda como nas do Brasil.

Pelas cartas originaes números 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 12 do dito Capitão-Mór, as quais me foram entregues, indo de passeio, com um sobrescrito fechado, V. Ex.<sup>a</sup> conhecerá que era Agente de muitos e diferentes negócios.

Ex.<sup>mo</sup> Sr.: Se não houver um exemplo em crimes desta natureza e praticados por pessoas que occupam tais logares em uma Colónia povoada quasi loda de degredados, e principalmente nas actuais circunsancias, — brevemente se praticarão crimes ainda maiores e que terão consequências mais desgraçadas.

O Mestre do Navio e Dono, em que fugiu o dito Capitão-Mór,

deverão ser rigorosamente castigados para exemplo, pois já daqui fugiu Manuel da Silva Raposo, que à V. Ex.<sup>a</sup> fiz a honra de participar em Offício n.º 129.

Felizmente, está hoje esta Cidade no maior socego possível, e posso novamente certificar à V. Ex.<sup>a</sup> que náda mais haverá a temer, logo que daqui sejam mandadas retirar as pessoas que mencionava no meu Offício de 17 de Fevereiro.

V. Ex.<sup>a</sup> mandará o que fôr servido.

O governador Albuquerque e Továr reconhece que... lhe faltava a areia debaixo dos pés ou o apoio necessário para manter a ordem pública.

## 20. — Carta anónima

Por ser interessante, aqui vamos dar o tal Documento número 4, que tem a data de 26 de Março de 1821:

— «Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Muitos homens bons desta Cidade rogam à V. Ex.<sup>a</sup> que atenda o que lhe expõem, para que V. Ex.<sup>a</sup> muito bem conheça a verdadeira causa das desordens que têm havido. V. Ex.<sup>a</sup> sabe que veio preso de Benguela Elias Vieira de Andrade e dizem que o seu principal crime foi por ter-se-lhe achado um Catecismo dos Pedreiros Livres, e, quando foi preso à presença do Ouvidor, tendo êle mandado vir preso, o mandou soltar e foi viver em casa do capitão-mór Joaquim Aurélio, e, passados dias, o mandou recolher à Cadeia.

No dia que fugiu o Capitão-mór, veio estar com êle na Cadeia; a fugida do Capitão mór foi sabida e arranjada pelos seus sócios e companheiros, sendo primeiro — o Bispo, que se visitavam mutuamente todos os dias, e o segundo — o Ouvidor, e dizem que o Bispo, já era desta gente no Rio de Janeiro e o Ouvidor em Viana, e, por isso, se fizeram unidos de repente; êles mais o Figueiredo, Félix, cirurgião-mór Campos, Sousa Lopes e outros da mesma súa concorreram com dinheiro e letras e todos auxiliaram a sua fuga, sendo principal o Meireles, dono do navio em que, se julga, fugiu, e em casa do qual o Bispo está quasi tôdas as tardes.

Esta súa já era antiga em Angola, pois, quando foi vivo o coronel do Regimento de linha — Cabreira, era êste o principal desta gente.

V. Ex.<sup>a</sup> bem sabe os falatórios que têm havido depois das novidades de Portugal, que todos êstes e outros dizem que devem seguir Portugal e mudar de Governo; êles quizeram mandar V. Ex.<sup>a</sup> preso para o Rio de Janeiro, como os de Pernambuco fizeram ao General.

Tôda esta Cidade sabe o quanto o Ouvidor protege o Figuei-

redo e o Sousa Lopes e outros, e que nunca culpou ninguém pelos muitos contrabandos que fizeram aos Espanhóis com Escravos.

V. Ex.<sup>a</sup> não tenha susto, pois em Angola tem muitos fiéis Vassallos de sua Majestade; e, como fugiu o cabeça e V. Ex.<sup>a</sup> mandou o má-cara do Ajudante de Ordens, ficará tudo socegado.

Nós fazemos esta declaração à V. Ex.<sup>a</sup> como fiéis Vassallos; e, para que V. Ex.<sup>a</sup> saiba como fugiu o Aurélio, foi em uma canoa às «avé-marias», ao pé da ponte da Isabel, e que o navio se pôs á-capa o qual já saíu muito tarde, o que tem admirado a todos por não ser costume saírem tam tarde; dizem que tinha mandado os baús e caixotes para bordo com subscripto ao sr. Luís da Mota como encomendas, para não haver desconfiança.

Muitos julgam que fugira para Minas, donde é filho e veio para aqui creádo-de-servir e depois foi de uma botica, pois deve muito em diferentes praças e se fez senhor de muitas Testamentorias, ficou a dever muitas letras à Real Fazenda e levou muito dinheiro e letras para o Rio de seus companheiros para tratar dos papéis que o Bispo lhe deu, assinados por muitos dos mesmos contra V. Ex.<sup>a</sup> e o mesmo fez o Ouvidor; e, como tem um carácter como todos conhecem, julgam: do Rio fugirá por temer ser preso pelos seus crimes.

Não assinamos este papel com mêdo que o lerá o Secretário de V. Ex.<sup>a</sup>, pois como é cunhado de Félix e amigo de muitos da súcia, lhe diria os que fazem esta declaração para o Govêrno de V. Ex.<sup>a</sup>.

Deus prospere a saúde e vida de V. Ex.<sup>a</sup> para salvação desta Colónia.

De V. Ex.<sup>a</sup> — Súbditos fiéis.» —

Não porque tenha valor patriótico, mas apenas para illustração da época agitada, é que damos aqui logar a esta carta anónima.

## 21. — Lição... sem moral nenhuma...

**E**m História, bem sabemos que os factos não se repetem, mas... sucedem-se.

Episódios ou contendias entre vice-reis da Índia, do Brasil, governadores de Moçambique e Angola — e respectivos Bispos, como sabem, são aos môtos nas páginas da nossa história colonial.

Examinados, hoje em dia, nos arquivos os documentos, que

ficaram dessas questões ridículas, somos forçados a dizer ou concluir que de um lado e do outro gastavam mal gasto o tempo, podendo aplicá-lo em beneméritas acções, tanto no campo político como no religioso.

Ontem e hoje, a opinião pública angolana facilmente se apaixona e divide e faz barulho, sem uma visão progressista.

Por sua vez, os governadores quási sempre são imprudentes ou reformadores caprichosos, de sorte que, em lugar de resolver bem os problemas coloniais, antes os agravam ou complicam

Sendo, pois, a História também uma lição de moral e de patriotismo, aqui estamos a recordar factos do tempo passado, mas não remoto, para que sejam proveitosos a todos que mandam e obedecem no tempo presente

Por exemplo: o III alto-comissário de Angola, apoiado nos *intelectuais*, não venceu os... comerciantes ou *fubeiros!!!*

O IV e último, apoiado nos comerciantes, foi vencido pelos *intelectuais!!!*

Governar não custa, o que custa é governar bem.

(Continúa).





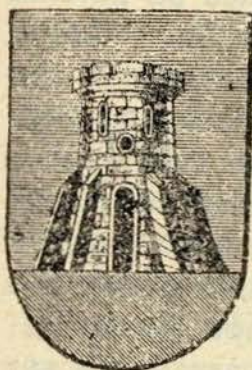
Por ANTÓNIO DE OLIVEIRA DE CADORNEGA

## PRIMEIRA PÁRTE

### Capítulo quinto

(Continuação da pág. 52)

36. — O sítio e fortaleza de Cambambe. — *P. P.*



**T**ENDO-SE FEITO A GUERRA que havemos relatado, naquela província, marchou o nosso exército contra o soba Cambambe, que com muitos seus aliados e confederados da província do Musseque se ajuntaram à nossa opposição por ordem da Rainha Ginga, sua senhora, indo o governador e Capitão general com todo o poder de cabos da gente de guerra e conquistadores antigos em demanda daquele inimigo, com o qual houve terrível batalha, em que houve muita matança na gente inimiga, com o que, depois de porfiada contenda, foram rotos e desbaratados tamanha multidão de gentio e o soba Cambambe fugido de suas terras para as do soba Angola Calunga, fidalgo poderoso que distava uma jornada, em cujo seguimento foi o capitão-mór de cavalos Luís Gomes

Machado com algum gentio, vassallos, que acompanhavam a nossa guerra e infantaria ligeira ; de bom pé lhe foi dando nas costas, matando e aprisionando a muitos daqueles bárbaros até se empossarem das terras do dito soba, que, como mais bastas de gentio e serem em si ásperas e montuosas, lhe valeu êste refúgio para de todo não serem destruídos ; recolhido o capitão-mór da gente de cavallo com grande cavalgada ao Arraial onde estava o governador, dando tôdas as devidas graças a Deus e à sua Santíssima Mãe que naquella ocasião invocaram sua divina graça de tam grandiosa vitória que só com o favor divino se pudera conseguir tam felizmente.

E vendo o governador que o sítio de Cambambe era capaz e forte por natureza, onde se podia fazer uma fortaleza, para freio daqueles poderosos sobas que por ali continuavam e tinham muitas terras de seus senhorios, suas banzas de morada e infinitas povoações e libatas, e que chegava até o pé dos Rochedos a navegação do rio Quanza, por onde podia ser socorrida, tendo alguma perto de Maçangano, pelo rio acima, — tratou de dar princípio à fábrica da Fortaleza, que com o cuidado e deligência que nela se trabalhou, se pôs em proporção defensável, fazendo-se Casa e Igreja à Mãe de Deus, advogada dos pecadores, Senhora do Rosário, que, assim como assistiu com sua protecção à gente católica na batalha naval de Lepanto, onde lhe ficou esta invocação, — assim assistia à nossa gente portuguesa cristã, invocando o seu nome em o maior conflito desta batalha alcançada contra gentios e idólatras ; se a outra que ela protegeu foi com Turcos e Mouros, gente infiél, dando-se nome à Fortaleza de Cambambe, por as terras, em que se fez, serem do soba daquele apelido ; e, desde então até o tempo de hoje, tem estado em ser, sendo do Senhorio de sua Alteza o Príncipe Nosso Senhor, que bastava ter tal defensora e orago para nunca ser infestada de tantos e tam poderosos inimigos, que havia em sua comarca, que o tempo domesticou e muita guerra que por tempos se lhe fez, com o que no dia de hoje se acham mui obedientes na lotação daquella fortaleza, e conhecendo o Príncipe Nosso Senhor, como seus vassallos conquistados.



37. — As façanhas do capitão-mór Baltasar Rebelo de Aragão, no Lubolo e Quiçama. — *P. P.*

E porque ficava em frente desta nossa Fortaleza a belicosa Província da Quiçama, quis o nosso Conquistador Manuel Cerveira Pereira provar também a mão com aquele gentio, passando ao pé da Fortaleza o rio Quanza, onde teve da outra banda muitas batalhas e recontros com aqueles valerosos gentios quiçamas, para que ficassem em conhecimento do valor português, e respeitassem a nossa Fortaleza, como cousa sua.

Feita esta emprêsa com aquele belicoso gentio, passou o Governador com o seu exército desta outra banda do rio Quanza e se veio a descançar de tanto trabalho e fadiga ao alojamento da vila da Vitória de Maçangano, praça de armas da gente conquistadora, acudindo daquele quartel a tôdas as ocasiões de guerra que continuamente se ofereciam com o gentio, que sempre buscavam modos e maneiras para se descomporem com a gente Portuguesa, induzidos e mandados por aquella astuciosa Rainha Ginga, nossa capital inimiga, que nunca cessava de buscar meios para nossa ruína.

38. — Fundação do presídio de Benguela-a-Nova. — *P. P.*

Foi também dando ordem o Governador à boa direcção do seu govêrno, atendendo assim ao da guerra como ao político, como tam experimentado em tôdas as matérias; determinou de fazer maiores emprêsas conforme o seu ânimo, para o que determinou fazer a conquista do Reino de Benguela, ou também por ordem que para isso havia ou lhe viesse do nosso Reino-de Portugal, e tratou de se aviar de tudo o que lhe era necessário para aquella nova conquista, alistando muita gente portuguesa, conquistadores e soldados versados na guerra do sertão; e, como aquele País era muito distante do que se havia conquistado no Reino-de-Angola, refusaram muitos dos alistados em acompanharem ao Governador, com o qual motivo se ausentaram, passando à Tunda, provincia do Lubolo, da outra banda do rio Quanza, em cujo seguimento mandou o capitão-mór da gente de guerra Baltasar Rebelo,

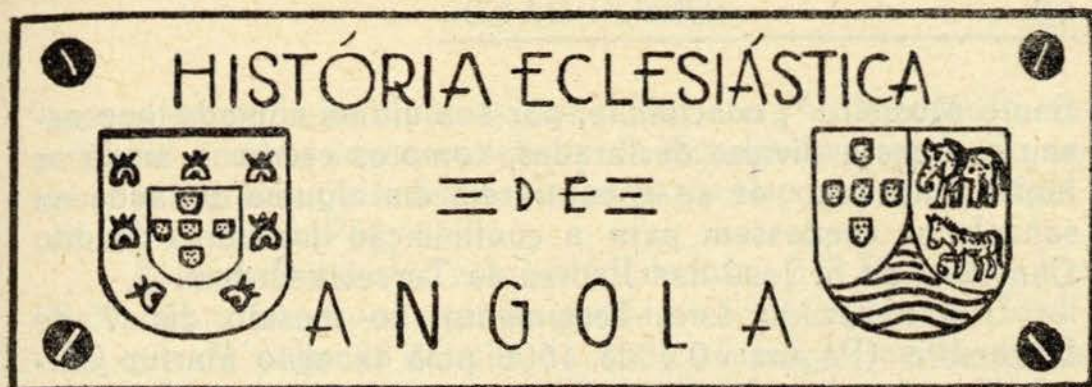
com os quais teve grande pendência, por ser a gente fugitiva muita, em que houve mortos e feridos, de parte a parte, até com efeito os reduzir à devida obediência e prosseguir o governador a sua jornada como o tinha peditado.

39. — A fortaleza de S. Filipe de Benguela-a-Nova.  
— P. P.

Estando com tudo prestes, deixando por seu lugar-tenente em a vila de S. Paulo de Luanda a João de Velória, com todos seus podêres, o qual havia sido capitão-mór da gente de guerra, como atrás se disse em o govêrno de João Furtado de Mendoça, deixando o mais da Conquista de Angola com cabos e guarnição bastante de Infantaria, — partiu com o podêr necessário para a conquista daquele Reino-de-Benguela, onde teve grandes batalhas e recontros com sobas muito poderosos de gentio muito belicoso, principalmente com Gola-Angimbo, que se tinha por rei daquele país, saíndo de tudo com feliz successo; e, vendo ser necessário fazer fortaleza para conservação daquele novo Reino, o pôs por obra fabricando beira mar, que ficasse servindo para guarda do pôrto e para o mais que se oferecesse, se acaso fôsse infestado de inimigos de mar em fóra, e servisse também de reparo para o gentio do sertão, fazendo também povoação e Igreja para o culto divino, dando nome de Cidade invocação S. Filipe, em obséquio de ser feita aquela Conquista em tempo de el-rei de Espanha e Portugal dom Filipe, segundo de Castela e primeiro de Portugal.

Não teve êste esforçado governador mais progressos de guerra neste País e Reino de-Benguela, por lho atalharem alguns émulos e mal-contentes que não levaram a bem ir tam longe fazer aquela Conquista, e assim se amotinaram contra êle, chegando o atrevimento a tanto que lhe perderam o respeito, fugindo alguns daquele Reino em embarcações pelo mar para o contôrno da vila de Luanda; tendo obrado todo o tempo do seu govêrno com valor e disposição, lhe veio a suceder em o Govêrno João Rodrigues Coutinho, fidalgo da casa de Sua Majestade.

(Continúa.)



L I S B O A

BIBLIOTECA DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

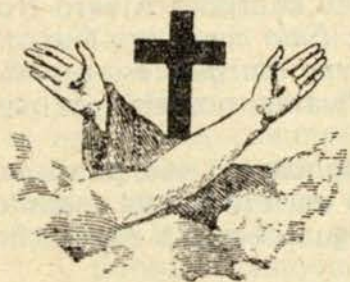
(Manuscrito n.º 473, côr vermelha — 39 págs.)

MEMÓRIAS  
DO  
CONVENTO DE S. JOSÉ

DE  
ANGOLA

por frei Vicente Salgado.

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 56)



**O**S SERVIÇOS DAQUELE SACERDOTE e nosso Benfeitor, (licenciado Pero Marques) feitos à Corôa e à Igreja, na Fortaleza do Rosário de Cambambe, que atesta o governador Manuel Cerveira Pereira, em 3 de Setembro de 1604, e se conservam neste Cartório e os interesses, que tinha com as pessoas distintas daquela Cidade e Reino, — lhe faz lembrar que Gaspar Alvares lhe era devedor de certa quantia, porém que náda se lhe pedisse mais daquele produto que êle quisesse dar, por ser (se explica o dito Padre) o fundador de tam

Santo Mosteiro<sup>9</sup>; concluindo, por sua última vontade, que assim os bens e dívidas declaradas, como os escravos, ainda os fugidos, no caso de se encontrarem em alguma quitanda ou sanzala, se vendessem para a continuação das obras do dito Convento de S. José dos Padres da Terceira Ordem.

Foi aprovado este Testamento no mesmo dia 7 de Dezembro (Página 10:) de 1606 pelo tabelião Martim Correia<sup>10</sup>.

Por estes fundamentos muito bem se deduz que por autoridade do Provincial frei Luís de Figueiredo, em 1594, passaram à Luanda o padre frei Baltasar e seus companheiros na primeira missão, como escreve Jorge Cardoso<sup>11</sup>, e em 1600, como êle mesmo diz ou em 1603—como escreve Hélyot na «Histoire des Ordres Monastiques...» e se lê em Gubernatis, no Livro *De Missionibus*,—já havia comunidade e mosteiro com observância regular, pois em Dezembro de 1606 não faltavam religiosos na casa de S. José para a celebração dos officios divinos, continuando ainda as obras do Convento, essenciaes à vida regular, pois a segunda Missão para esta casa saiu de Lisboa em 1603.

As vivas lembranças dos primitivos missionários mandados à Ásia, e Congo, governando o Senhor Rei d. João II,

<sup>9</sup> — Não encontro nos Monumentos antigos desta Casa notícias mais circunstanciadas do patrocínio de Gaspar Álvares sobre esta fundação de Angola, mais que a expressão do testamento do sr. Pero Marques, e, por isso, não adeanto a espécie. Julgo que seria pessoa de respeito naquela Cidade, pois escrevendo o cônego Manuel da Silveira da cidade de Bamba a seu sobrinho Alvaro Nogueira em 25 de Setembro de 1606 lhe diz: *Fala com o sr. Gaspar A'lvares, com o padre frei Baltasar, com Pero Marques e o capitão Pero de Celas...* e só ao dito Gaspar A'lvares nomeia por senhor.

(O sr. cel. Felner, na sua «Angola», às páginas 463-466, publica o testamento de Gaspar A'lvares. Como dentro em breve este assunto vai ser estudado por Pessoa competente, aguardemos a exposição sincera da verdade.)

<sup>10</sup> — Este testamento, quanto aos legados pios, o mandou cumprir em Luanda, aos 24 de Dezembro de 1606, o bispo do Congo e Angola dom Frei António de Santo Estêvão, dominicano, que então regia aquela Igreja.

<sup>11</sup> — Agiologio Lusitano, no tomo I, p. 290. (Já está transcrita a passagem à página 56 desta III série).

presentes naqueles dias aos Religiosos desta Congregação, excitaram a estes novos operários do Evangelho, desejando seguir e imitar as pisadas daqueles varões apostólicos na cidade de Luanda. (Pág. 11 :)

Ajudou muito aos zelosos fundadores frei Baltasar e frei Salvador o fervoroso espírito do santo frei Cristóvam Gordilha, que na segunda Missão de 1603 passou à Angola, aonde obrou fructos dignissimos pela salvação das almas, sendo estimado e respeitado dos Povos como varão justificado, cuja preciosa morte lamentaram com lágrimas, não se fartando os mesmos gentios de lhe roubarem os vestidos, pouco satisfeitos com pequenas relíquias de seus pobres trastes <sup>12</sup>, o que também (Pág. 12 :) aconteceu com o santo frei Luís da Apresentação, companheiro de frei Baltasar na primeira missão, e na segunda com frei Cristóvam Gordilha, como escreve frei Lúcio de S. Paulo, no livro dos Óbitos no dia 15 de Setembro <sup>13</sup> e no princípio d'este século com o santo padre frei Raimundo de Teotónio, sendo muitos os Religiosos de virtude e de suma probidade que têm florescido nesta casa (de Luanda).

<sup>12</sup> — Agiológio Lusitano, tómo I, pg. 287 e 290.

Frei Cristóvam Gordilha, natural de Évora (aliás de Lisboa, o que consta do livro dos Assentos dos Religiosos) passou à Angola na segunda Missão, cuja notícia recebeu com notável alegria. (Já estão estas notícias na nota 7.) Constam estas e outras notícias das Relações do provincial frei Pedro do Espírito Santo e do Necrológio ou Livro dos óbitos, que imprimiu o provincial frei Lúcio de S. Paulo, e diz assim :

— «Vener. S. Fr. Christophori Gordilha, pietate et literatura praestantissimi, religiosi affabilis, modesti et exemplaris, qui fervidum missionarium agens una cum aliis confratribus qua secunda missione Patres nostri Regnum Luandae perlustrarunt et illustrarunt, in eas partes commeavit, ubi omnibus omnia factus, necdum Lusitanis sed et gentilibus charus, hoc pro defuncti viri absentia, solatium admittentibus, ullam sui habitus reliquiam possidere, obdormivit in Domino in nostro Conventu Sancti Joseph de Angola.» —

Constam também estas notícias dos Manuscritos do Cartório de Lisboa, Armário 1, Casa 5, Pasta 1, Número 7. (Se encontrarmos estes Manuscritos, elles serão publicados no fim, em apêndice.)

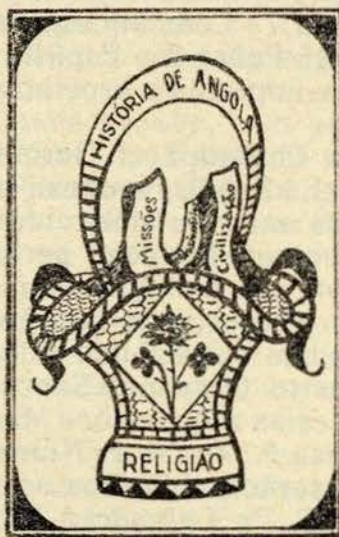
<sup>13</sup> — Item : Vener. S. Fr. Ludovici a Praesentatione Missionarii Apostolici, qui fervida ab aliis multis non extincta charitate ductus vener. S. Fr. Balthasar à Marialva in prima et secunda Missione de Angola.

Empregados êstes Padres no serviço da Igreja e dos Soberanos, desempenhavam os interesses de que eram incumbidos com satisfação do Rei e Diocesanos.

Esta benigna e honrada aceitação fez que os Prelados locais daquele Convento, por alvarás e portarias dos governadores, sejam designados Deputados na Junta-das-Missões, como também nas Juntas de Estado, conservando o primeiro lugar entre os mais Regulares, como mosteiro mais antigo, posto que nos últimos tempos tenha havido sua declaração sôbre os assentos pela antiguidade das patêntes e posses.

Na guerra com os Holandeses, em 1641, foram os nossos Religiosos os que se distinguiram em animar e consolar aquelas gentes nos trabalhos, moléstias e fomes que padeceram, chorando todos a perda do venerando (Pág. 13:) Pastor Dom Francisco do Sovral, falecido em Janeiro de 1642, que animava os seus diocesanos a levarem a cruz das tribulações com paciência, sendo companheiros os nossos Padres aos Fiéis escondidos e errantes pelos sertões, onde morreram os mais dêles, sendo solicitados, os poucos que restavam, na assistência dos enfermos, como é constante.

(Continúa).





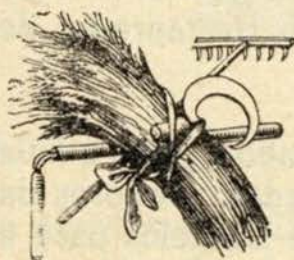
Havia sete anos que estava occupada pelos Holandeses a Cidade de Luanda, cabeça dos Reinos de Angola, e com ella os portos tomados e o commercio impedido; os Portuguezes, antigos moradores daquelle Estado, retirados pela terra dentro...

Resolveu El-Rei que se acudisse à Angola de algum modo e que este fôsse: tomarmos naquella costa o porto ou sitio de Quicombo, que fica duzentas léguas ao sul de Luanda para o cabo de Boa-Esperança, e que ali se fabricasse uma fortaleza, da qual pudessem ser socorridos de Maçangano, onde os nossos se tinham retirado...

Esta empresa encomendou sua Magestade ao valor e prudência de Salvador Correia de Sá e Benevides...

*Padre ANTONIO VIEIRA*

## Quinze-de-Agosto



EM TODA A COLÓNIA DE ANGOLA, e dum modo especial na cidade de Luanda, o dia Quinze de-Agosto é uma data annual, que tem sempre a sua comemoração fervorosa, tanto ecclesiastica como civil.

Missa cantada e sermão na Cathedral — conservam a tradição religiosa os nossos padres, a menos a procissão, que era do uso velho e antigo.

Cortejo e homenagem à estátua de Salvador Correia — lá vão a Câmara, as Tropas, o Liceu, os Bombeiros, as Escolas e mais Autoridades...

Flores, música, foguetes, discursos, artilharia, bandeiras, iluminações...

De nossa parte, temos consagrado, por pensamentos, palavras e obras, a esta simpática festa a nossa devoção patriótica: as páginas, que temos escrito sobre o condomínio português e holandês de Angola, de 1641 a 1648, elas são verdadeiras e tristes, mas exemplares.

Tal assunto, como se tem visto, presta-se à... eloquência retumbante: a nós — agrada-nos ou basta nos tam somente a verdade histórica, meditada, sofrida...

Mais do que a quasi milagrosa Reconquista de Salvador Correia, impõem-se à nossa meditação patriótica aqueles sete anos durante os quais os Portugueses corajosamente mostraram o seu patriotismo!!!

Muxima, Maçangano... com as suas ruínas... falamos do passado: infelizmente, pouca gente ouve ou escuta a sua voz simbólica!!!...

Aos Heróis da Colónia de Angola a nossa modestíssima revista *Diogo-Caão* sabe prestar a sua homenagem sincera: cumprimos apenas um devêr sagrado.

Lisboa, Agosto de 1935.

*Padre RUELA POMBO.*

### Genealogia de Salvador Correia

Segundo a *Corografia Portuguesa* do padre António Carvalho da Costa, a genealogia do Restaurador de Angola é a seguinte:

I. — Gonçalo Correia, da torre de Penaboa, junto a Vila Nova de Famalicão, é dos Correias Lacerdas, senhores da casa e honra de Farelães, a duas léguas de Barcelos para a banda do sul e casou-se com dona Filipa de Sá, filha de Martin de Sá.

A família Sá tinha o seu solar na torre de Sá, também termo de Barcelos.

Do casal Gonçalo Filipa nasceu Salvador Correia de Sá, que passou ao Brasil com seu tio Mem de Sá.



**II.** — Salvador Correia de Sá casou-se com dona Vitória da Costa, filha de Fernão Martins Freire, em terceiras núpcias.

Do casal Salvador-Vitória, nasceu Martim de Sá, que foi governador do Rio-de-Janeiro.

**III.** — Martim de Sá casou-se em Cádiz com dona Maria



SALVADOR CORFEIA

(O RESTAURADOR DE ANGOLA, EM 1648)

de Mendonça e Benevides, filha de dom Manuel Benevides, governador da praça.

Do casal Martim-Maria nasceu, no Rio-de-Janeiro, em 1594, o nosso Salvador Correia de Sá e Benevides.

**IV.** — Salvador Correia casou-se nas Indias de Castela com dona Catarina de Velasco, filha de dom Pedro Ramiro de Velasco, mestre de campo general.

A esta dona Catarina de Velasco, em 1651, ofereceu ou dedicou Luís Félix Cruz o seu *Manifesto das Hostilidades*.

Do casal Salvador-Catarina nasceu Martim Correia de Sá, primeiro Visconde de Acêca, por mercê de el-rei dom Afonso VI com a data de 15 de Janeiro de 1666.

Pedro de Azevedo publicou este alvará no *Boletim da Classe de Letras* da Academia de Ciências de Lisboa, que aqui temos, às páginas 1130-1131 do volume XIII.

\* \* \*

O primeiro fidalgo, que teve o nome de **Correia**, foi dom Sueiro Pais.

O sr. dr. Pestana Júnior, no seu livro cabalístico *Dom Cristóbal Colom*, 1928, à página 106 e nota I, dá a descrição do escudo ou brasão dos Correias de Farelães.

Dom Sueiro Pais sustentou um cerco dos mouros com tanto sacrifício e heroísmo que êle e os seus soldados chegaram, por falta de víveres, a comer, postas de mólho, as correias dos seus baús!!!

Não nos admira, pois, que o nosso Salvador Correia fôsse assim um fidalgo completo, como homem e como militar.

...mas, quando lhe chegou ao Rio-de-Janeiro a notícia da Revolução de 1 de Dezembro de 1640, a princípio julgou que era uma... cilada que lhe queriam armar.

O seu govêrno em Angola, logo em seguida à expulsão dos Holandêses, além de sábio, foi de providências úteis. Reünia semanalmente, em seu Palácio, o Clero, a Nobreza e o Povo, para, todos juntos, estudarem e resolverem a crise medonha que o Reino-de-Angola sofria.

P. P.



---

---

## EXPEDIENTE

Dêste número 3 da nossa revista «**Diogo-Caão**» já não fazemos remessa aos maus assinantes: como recebemos o pagamento em «angolares», não podem, pois, apresentar-nos desculpas possíveis ou razoáveis.

Por medida também económica, foram cortadas do nosso caderno as ofertas ou remessas de favor, que vínhamos dando: a revista tem já firme a sua venda e não carece mais dos «aplausos» de ninguém, à fôrça ou por... generosidade.

A partir do presente número, a «**Diogo-Caão**» só é enviada aos nossos bons Assinantes.

Também não mandamos a revista a jornais, que connosco não permutam.

Amigos... amigos e... negocios à parte, não é?...

*Agosto. 1935.*

*A Redacção.*

---

---

## «DIOGO-CAÃO»

---

(*Continuação*)

56)

Na sua obra meritória de divulgar documentos, que se referem a coisas de Angola, prossegue o erudito sr. padre Ruela Pombo a publicação em Lisboa da sua revista «DIOGO-CAÃO», que iniciou em Luanda quando residia na Colónia. Temos presentes os números 8 e 9 da segunda série que, além de grande cópia de documentos históricos, continuam a publicação do Catálogo dos Governadores de Angola, da História General das Guerras Angolanas, de Cadornega e da «Relação do Reino de Congo e das terras circunvizinhas», tirada em italiano dos escritos e discursos do Português Duarte Lopes por Filippo Pigafetta, publicada em Roma em 1591 e agora retrovertida em português pela senhora D. Rosa Capeans, licenciada em letras.

E o valor desta publicação não só o apreciam os historiadores como também os estudiosos da nossa acção colonizadora que nela encontram documentos interessantes e valiosos e também leitura variada na sua Miscelânea de apontamentos velhos e antigos, impressões, comentários, crítica, notas à margem e novidades.

São depositários da revista «DIOGO-CAÃO» as livrarias Miner-va e Lusitana, de Luanda.

(Do bi-semanário *Notícias da Huila*, de Sá da  
Bandeira (Lubango), em 6 de Julho de 1935.)